

UNIDADE E DONS ESPIRITUAIS

Dois assuntos no capítulo 11 – o costume de cobrir a cabeça e a divisão durante as refeições comunitárias – estavam entre as principais preocupações que geraram tensão entre Paulo e a igreja coríntia. Ambos os assuntos estavam relacionados a “coisas sacrificadas a ídolos” (8:1) e à conduta apropriada durante as reuniões da igreja¹. Cobrir a cabeça era um sinal de piedade para os adoradores dos deuses romanos, uma prática da qual os cristãos tinham de se separar. Quando a igreja participava de refeições comunitárias dividindo-se em grupos hostis, estavam negligenciando o espírito de coletividade, confraternização e participação. Estes eram ingredientes essenciais à comunhão cristã ilustrada na ceia do Senhor. Os tópicos do capítulo 11 servem de ponte entre os problemas abordados por Paulo nos capítulos 8 a 10 e a introdução à exposição sobre dons espirituais, no capítulo 12.

Os cristãos de Corinto precisavam de mais informações sobre como se comportar quando se reuniam para adorar. Em particular, Paulo estava dizendo que eles precisavam aprender a exercer apropriadamente na assembleia os dons espirituais que receberam. Iniciemos o estudo da seção composta pelos capítulos 12 a 14, introduzida pela expressão “a respeito de” (12:1).

“FALANDO PELO ESPÍRITO” (12:1–3)

¹A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes. ²Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados. ³Por isso, vos faço compreender que

¹O costume de cobrir a cabeça talvez não se aplicasse unicamente à reunião da igreja.

ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo.

Versículo 1. As palavras **a respeito de** chamam a atenção de volta para a carta que os membros tinham enviado a Paulo e para as perguntas que ali fizeram. Em 7:1, Paulo tinha dito: “Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher”, e em 8:1: “No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos...”

Paulo estava pronto para lidar com outra área em que era preciso distinguir cuidadosamente as práticas cristãs das não cristãs. Alguns membros estavam exercendo **os dons espirituais** ou sobrenaturais concedidos a eles pelo Espírito Santo. Alguns dos dons concedidos aos cristãos nesse período pareciam ter paralelos na idolatria. Por exemplo, muitos relatos de operadores de cura e curas advinham do mundo antigo. Além disso, embora os devotos de Apolo dificilmente definissem “profecia” como os profetas de Israel ou como os primeiros cristãos definiam, a terminologia era a mesma.

Religiosos de todas as partes pressupunham que o fato de uma pessoa possuir dons sobrenaturais era um sinal de que ela tinha um relacionamento especial com a divindade que as demais pessoas não tinham. Paulo rejeitou essa premissa. Para os cristãos, viver em Cristo tinha mais a ver com o exercício das relações interpessoais do que com dons sobrenaturais/espirituais. Ao mesmo tempo, o apóstolo não ignorou a importância dos dons especiais. Ele queria que os irmãos estivessem cientes de que os dons de Deus eram diferentes dos ritos praticados entre os idólatras. A presença e os propósitos desses dons eram de uma natureza diferente.

O adjetivo *πνευματικῶν* (*pneumatikōn*, “espiri-

tual”) pode ser neutro, caso em que a melhor tradução da expressão em 12:1 seria “coisas espirituais” ou “dons espirituais”. Por outro lado, também pode ser masculino; nesse caso significaria “pessoas espirituais”. Observando a exposição a seguir, fica claro que Paulo tinha em mente dons que alguns dos cristãos haviam recebido do Espírito Santo (veja 12:8). No âmbito natural, Deus proveu várias pessoas com talentos ou habilidades notáveis, mas Paulo estava falando de dons miraculosos.

Versículo 2. Paulo disse: **Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos.** A palavra “gentios”, do grego ἔθνη (*ethnē*, “povos”), não possui conotações negativas em si; mas nos Relatos do Evangelho ela é comumente empregada em contraste com os judeus. Em tal contexto, ela assume um sentido depreciativo. Os “povos” eram “gentios”, ou seja, não judeus idólatras por definição. Nada sabiam nem se importavam com Deus ou com a Sua lei. O Espírito Santo revelou que a igreja substituiu a nação étnica de Israel como povo de Deus (veja, por exemplo, Romanos 2:29), mas essa mudança deu um novo sentido à palavra *ethnē*. Para os falantes de português, os não cristãos são “pagãos”, e não “gentios”, embora o vocábulo grego seja o mesmo. Em 12:2 Paulo se referia às vidas de alguns de seus leitores antes da conversão, quando adoravam ídolos mudos.

A idolatria esteve por trás de toda a exposição de Paulo nos quatro capítulos anteriores, mas estas palavras em 12:2 fazem parte da transição para o assunto da conduta dos cristãos nas reuniões de adoração. O foco de Paulo eram as diferenças de conduta fundamentais entre os que consideravam os ídolos deuses e os que reconheciam o Deus do universo, único e verdadeiro, o Pai de Jesus Cristo de Nazaré. Para judeus como Paulo, o contraste tinha raízes profundas na história judaica e nas Escrituras (veja Isaías 44:9–11; Jeremias 10:1–5; Salmos 115:3–8).

No passado, alguns dos coríntios serviram a “ídolos mudos” que eram impotentes porque não existiam. Os dons espirituais desfrutados pelos cristãos não deveriam ser confundidos com práticas da adoração idólatra. Profecia, cura, ou o falar em línguas podiam ter similaridades superficiais com rituais pagãos; mas o que aqueles cristãos experimentaram era fundamentalmente diferente.

Versículo 3. O que Paulo queria **fazer compreender** aos irmãos, à primeira vista, pode parecer misterioso. É inimaginável que alguém que **fala**

pelo Espírito de Deus diga: “Ἀνάθεμα Ἰησοῦ” (*Anathema Iēsous*), ou seja, “Maldito seja Jesus”. Se ninguém estivesse fazendo tal coisa, o aviso de Paulo seria supérfluo. Se determinadas pessoas clamavam ao Espírito Santo e ao mesmo tempo diziam que “Jesus é maldito”, quem eram essas pessoas e o que as motivava? Por que o apóstolo não explicou esse mistério?

Talvez a intenção de Paulo não fosse deixar implícito que havia alguém “falando pelo Espírito de Deus” e fazendo tal coisa. Ele poderia estar respondendo a objeções de alguém sobre o exercício de dons similares ao falar em línguas e ao profetizar praticados em rituais pagãos. Os excessos emocionais que saturavam os adoradores de Dionísio e Cibele eram notórios. Alguns cristãos (talvez cristãos judeus) podem ter contestado cristãos falando em línguas porque quem adorava ídolos se comportava de modo semelhante. Se era esse o cenário que desencadeou as palavras de Paulo, então ele estava defendendo os que exerciam dons do Espírito. O falar em línguas talvez lembrasse os espectadores do frenesi dos devotos perante os deuses pagãos; mas o poder capacitador do Espírito Santo tornava isso um fenômeno completamente diferente que tinha grande significado para os seguidores de Cristo. O poder divino que operava nos cristãos era diferente da agitação que mobilizava os adoradores pagãos. Ninguém movido pelo Espírito de Deus diria o que os idólatras diziam: “Jesus é maldito”. Ademais, quem proclamava de coração **Senhor Jesus!** mostrava estar debaixo da influência do Espírito Santo.

O apóstolo pode ter feito a segunda declaração somente com o propósito de apoiar a negação. Era tão improvável que alguém amaldiçoasse Jesus pelo Espírito de Deus quanto era improvável que alguém proclamasse Jesus Senhor como resultado de um estado mental histérico e autoinduzido. Em outras palavras, era ridículo supor que alguém dissesse: “Jesus é maldito”, estando influenciado pelo Espírito; igualmente, ninguém reconheceria Jesus como Senhor sem ser guiado pelo Espírito. Uma confissão sincera de que “Jesus é Senhor” seria por si só prova de que o confessor estava sob a influência do Espírito Santo. A confissão dos coríntios de que Jesus é o Salvador, o Filho de Deus, era motivo para se apoiarem mutuamente. Precisavam alegrar-se com os dons presentes no meio deles e precisavam lançar fora pensamentos competitivos sobre quais dons eram maiores. O apóstolo já tinha

começado a enfatizar a unidade do corpo.

“VARIEDADE DE DONS” (12:4–11)

⁴Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. ⁵E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. ⁶E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. ⁷A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso. ⁸Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; ⁹a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; ¹⁰a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. ¹¹Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.

A unidade dos crentes era a preocupação de Paulo desde a abertura dessa carta aos coríntios (1:10; veja 3:3). Os irmãos não perguntaram sobre unidade; eles perguntaram sobre dons espirituais, sobre como deveriam exercê-los e qual a relativa importância desses dons. Todavia, Paulo entendeu que essas perguntas pertenciam ao tópico da unidade do corpo de Cristo. A preocupação do apóstolo era a mesma que a de Jesus (João 17:20, 21). Também deve ter sido a preocupação de Clemente de Roma, uns quarenta anos depois (ca. 98 d.C.),² e a preocupação de inúmeros outros no decorrer dos séculos. As perguntas sobre dons espirituais foram um convite para Paulo escrever sobre assuntos mais importantes relativos à natureza do corpo de Cristo.

Versículo 4. Aparentemente, os **dons** (*χαρίσματα*, *charismata*) que Paulo tinha em vista eram os “dons espirituais” (*pneumatikōn*) que ele mencionara no versículo 1. A palavra grega mais comum para “dom” é *δῶρον* (*dōron*); outras variações ou flexões dessa palavra são *δωρεά* (*dōrea*) e *δώρημα* (*dōrema*). Esses três termos aparecem mais de trinta vezes no Novo Testamento, mas em suas cartas, Paulo usou *dōrea* somente cinco vezes e *dōron* somente uma vez. A palavra *χάρισμα* (*charisma*), por sua vez, aparece dezessete vezes no

²Em sua carta à igreja em Corinto, Clemente expressou preocupação com “ciúme e inveja, disputa e tumulto...” (Clemente de Roma, *Clemente* 3:2).

Novo Testamento, sendo todas as ocorrências, exceto uma, nas cartas de Paulo. Das dezesseis vezes que Paulo usou essa palavra, sete estão em 1 Coríntios. Ele a usou cinco vezes no capítulo 12. Paulo selecionou cuidadosamente *charismata* como sua palavra para “dons”; ela pertence à mesma família semântica que *χάρις* (*charis*, “graça”) e *χαρά* (*chara*, “alegria”)³. Ao usar essa terminologia, Paulo estava sugerindo que os dons a que se referia eram conferidos por Deus como extensões da graça e da alegria que acompanham a confissão de que Cristo é Senhor.

As descrições dos dons que vêm a seguir no texto indicam que eram poderes sobrenaturais. Os “dons” (*charismata*) da graça divina incluem tudo o que Deus faz pelo Seu povo, até e incluindo a vida eterna (Romanos 6:23); mas o contexto de 1 Coríntios 12 a 14 impõe limites a essa palavra. Embora o termo nem sempre signifique precisamente a mesma coisa, aqui Paulo estava respondendo dúvidas sobre “dons espirituais” (12:1). Observando a lista de dons que o apóstolo apresentou em sua resposta, o intérprete pode ter certeza de que foram incluídos nela somente certos tipos de “dons”⁴. Esses dons em particular foram dados pelo Espírito Santo para a edificação da igreja, mas o orgulho humano estava transformando essas dádivas espirituais numa comprovação da posição pessoal. A competição pelos dons mais proeminentes, exercidos publicamente, acabou por contribuir para as divisões naquela congregação.

Uma característica importante dos dons sobrenaturais era que os primeiros cristãos que possuíam esses dons podiam empregá-los segundo sua própria vontade. Pedro e João, por exemplo, podiam curar qualquer quantidade de aleijados e cegos nas dependências do templo. Eles escolheram, por critérios próprios, quais indivíduos curariam (como em Atos 3:6). Da mesma forma, outros cristãos dotados desse dom de cura podiam curar os doentes sempre que julgassem apropriado fazê-lo. Semelhantemente, quando os crentes dotados dos dons de línguas ou de profecia queriam exercer esses dons, eles o faziam como julgavam conveniente (veja 1 Coríntios 14:32). A mente e a vontade estavam envolvidas no uso desses dons; nenhuma carga impulsiva

³O nome que os linguistas dão a essa família é “domínio semântico”.

⁴D. A. Carson, *A Manifestação do Espírito: a Contemporaneidade dos Dons à Luz de 1 Coríntios de 12–14*. Trad. Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2013, pp. 17ss.

ou emocional desatinava esses cristãos, fazendo-os comportar-se de modo inexplicável.

Deus pode agir em resposta aos pedidos do Seu povo no momento que Ele quiser. A resposta do Senhor às orações, tanto na igreja moderna como na do primeiro século, é sobrenatural em virtude da ação divina. A diferença entre a resposta de Deus às orações dos cristãos de hoje e as ações dos que possuíam dons sobrenaturais na igreja primitiva é que estes exerciam seus poderes conforme julgavam apropriado. Deus confiou-lhes essas prerrogativas divinas de modo que podiam exercer seus dons segundo sua própria vontade. Neste sentido, os dons sobrenaturais cessaram; cristãos individuais não possuem mais autoridade para direcionar o poder de Deus e produzir atos miraculosos como bem quiserem. Mesmo na igreja do primeiro século, os cristãos capacitados com dons sobrenaturais sempre estavam sujeitos a Deus. Se eles tentassem produzir um sinal miraculoso que discordasse da vontade de Deus, Deus podia intervir como desejasse.

Era importante os coríntios saberem que nem todo cristão tinha recebido dons (*charismata*) do Espírito que os capacitavam a produzir milagres. A obra do **mesmo Espírito** se manifestava de várias maneiras entre os que tinham sido miraculosamente capacitados. Cada cristão precisava respeitar os dons dos outros e encontrar alegria naquilo que proporcionava fé e edificação para o corpo. “O mesmo Espírito” unia todos os coríntios num só corpo, independentemente da natureza dos dons individuais. Paulo estava admoestando os que possuíam dons espirituais. Esses cristãos especialmente capacitados pareciam estar entusiasmados com seus dons e a capacidade de controlá-los. Paulo julgou necessário pôr um freio na competição relativa a quem possuía os melhores dons.

Versículos 5 e 6. “Serviço” (*διακονία, diakonia*) era a finalidade de todos os dons dados pelo Espírito porque o Senhor é a fonte de toda a bondade. Paulo disse que os cristãos não deveriam se surpreender com a **diversidade nos serviços** e, conseqüentemente, a diversidade de dons dados pelo **mesmo Senhor**. Os irmãos podiam ver a diversidade de seus dons e relacioná-los com os diversos “serviços” que o Senhor havia dado aos Seus servos. Alguns, por exemplo, eram apóstolos, alguns presbíteros, alguns diáconos e alguns evangelistas (veja 12:29; Efésios 4:11). A prontidão para o serviço resultava do ato de Deus distribuir diversos dons do Espírito. Paulo parecia estar apelando para o

senso comum dos coríntios. Porque as pessoas são diferentes, o Espírito concedeu a cada uma seu devido dom.

“O mesmo Espírito”, “o mesmo Senhor” Jesus, e o **mesmo Deus** geraram “diversidade de dons”, “diversidade de serviços” e **diversidade de realizações** nos cristãos. A ARIB diz aqui “diversidade de operações”. A versão inglesa CEV (*Contemporary English Version*) diz simplesmente: “E cada um de nós pode fazer coisas diferentes. Mas o mesmo Deus opera em todos nós e nos ajuda em tudo que fazemos”. Possuir um dom espiritual/sobrenatural não era sinal de que o possuidor vivia num nível espiritual mais elevado nem que desfrutava de um favor especial de Deus. Os dons espirituais eram para edificação da igreja, e não para indivíduos se gabarem deles. Atribuindo todos esses atos a Deus, a Cristo e ao Espírito, Paulo confirmou a unidade da Divindade. As obras de Deus, Jesus e o Espírito Santo estão todas interligadas. Embora a palavra “trindade” não apareça aqui, o conceito de unidade do Ser Divino é visto por todo o Novo Testamento.

A preocupação de Paulo era que os cristãos se apoiassem e se estimulassem uns aos outros, que se unissem num só corpo. Os dons espirituais, entre outras coisas, eram para apoiar a unidade da igreja de Cristo. Qualquer cristão que entendesse que seu dom espiritual era um indicador do favor especial de Deus tinha de reconhecer o favor de Deus sobre outros indivíduos, quer Deus os tivesse abençoado com poder para fazer algo extraordinário, quer não. A graça de Deus repousa sobre todo cristão obediente.

Versículo 7. Os dons do Espírito, disse Paulo, visavam a **um fim proveitoso**, ou segundo a NVI, “ao bem comum”. Deus não deu a **manifestação do Espírito**, ou seja, os dons espirituais, para a exaltação dos indivíduos que os detinham. Longe de ser ocasião para rivalidade e dissensão entre a irmandade, os dons do Espírito visavam ao bem de todos. Em vez de ser uma experiência isolada e isoladora, a operação do Espírito era para unir os crentes uns aos outros e fortalecer o corpo. Paulo estava redirecionando com cautela sua explanação. Em vez de “a respeito dos dons espirituais”, parece que ele tinha em mente “a respeito de um fim proveitoso” ou “a respeito de um bem comum”, ou “a respeito da unidade do corpo”. A atitude dos coríntios sobre a posse e o uso de dons espirituais era mais um sintoma do problema básico de divisão que assolava a congregação. O delineamento dos dons elucidada

a extensão das divisões que estavam destruindo a igreja coríntia. Cada um desses dons enumerados merece um olhar cuidadoso.

Versículo 8. O apóstolo direcionou o foco de suas exortações gerais alistando dons específicos do Espírito, que expandiam a referência à “manifestação do Espírito” em 12:7. Ele não começou com os dons espetaculares que os coríntios pareciam estimar mais e pelos quais competiam. Em vez disso, Paulo começou com dons mais comuns que eram de grande valor para o bem-estar do corpo. Foi a operação do Espírito que deu a alguns **a palavra da sabedoria** e a outros, **segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento**. Estas eram “manifestações do Espírito para um fim proveitoso”, isto é, “para o bem comum”; mas por serem dons menos espetaculares, causavam pouco tumulto entre os que os possuíam ou os que observavam sua demonstração.

Seria útil saber o que Paulo quis dizer com o dom de sabedoria em relação ao dom do conhecimento. Talvez a sabedoria fosse “a habilidade inspirada de ver as *implicações* do conhecimento revelado pelo dom da profecia ou pela palavra do conhecimento”, isto é, “a habilidade de instruir outros sobre como aplicar essa Palavra de Deus na vida individual e congregacional”⁵. O que está claro é que a sabedoria e o conhecimento aqui citados não deveriam ser confundidos com a sabedoria dos homens. O conhecimento deste mundo nada tem a ver com os dons do Espírito.

Paulo não distinguiu sabedoria e conhecimento – como dons naturais – das manifestações miraculosas do Espírito. Sem dúvida, as distinções eram aparentes entre os crentes coríntios. Do contrário, o apóstolo não teria tido necessidade de reportá-las. Não vemos aqui sinal algum dos critérios usados pelo Espírito na atribuição da sabedoria sobrenatural ou de qualquer outro dom do Espírito. Será que Paulo, por sua autoridade apostólica, impunha as mãos sobre certos indivíduos e os comissionava a servir a igreja como Pedro e João fizeram entre os samaritanos (Atos 8:14–18)? Se os apóstolos não distribuíram dons miraculosos pela imposição de mãos nesta ocasião, somos obrigados a concluir que o Espírito escolheu crentes aleatoriamente para conceder esses dons por algum meio misterioso. Nesse

caso, alguns crentes acordaram certa manhã e se viram dotados de habilidades extraordinárias que não entendiam nem pediram. Entretanto, o último rogo de Paulo por “decência e ordem” (1 Coríntios 14:40) indica que os dons do Espírito chegaram a Corinto por meio da imposição de mãos de um apóstolo.

Versículo 9. Assim como a sabedoria e o conhecimento, a fé era uma capacitação natural que se esperava de todo cristão. Todavia, a “fé” aqui citada, assim como a sabedoria e o conhecimento já mencionados, era um dom especial dado pelo **mesmo Espírito**. Talvez o elemento miraculoso da fé como “dom espiritual” consistisse da habilidade de resistir a tentações ou de confrontar desafios à doutrina cristã extraordinários. Um nível miraculoso de fé pode ter ajudado os crentes, por exemplo, a refutarem filósofos gregos. Hoje, um cristão não pode ter certeza de que sabe muito sobre a natureza da fé concedida pelo Espírito comparada à fé comum que é a base da confissão cristã. Todavia, porque a fé aqui citada era uma dádiva especial do Espírito, podemos ter certeza de que ela era um dom miraculoso.

Depois de mencionar as manifestações do Espírito menos admiráveis – dons que provavelmente não despertavam nos cristãos o desejo de possuí-los – Paulo passou para os dons pelos quais os coríntios estavam competindo. Ao priorizar a fé, a sabedoria e o conhecimento antes dos dons de curar, o apóstolo demonstrou não só que todos eram dons de Deus, mas também que os primeiros eram mais desejáveis.

O uso do plural “dons de curar” pode ser uma simples questão estilística, mas o contexto sugere que há um significado nessa escolha. Talvez alguns só conseguissem realizar uma cura sob certas condições. O que está claro é que os diversos dons de cura estavam levando os que os possuíam a ter destaque na igreja. Paulo insistiu que essa nunca foi a intenção por trás dos dons; todos os dons do Espírito eram para a edificação de todo o corpo. A menção de “dons de curar” introduz uma série de habilidades cujo exercício causaria tumulto em qualquer ambiente, cristão ou não.

Versículo 10a. O apóstolo pode ter colocado em primeiro lugar os dons espirituais menos evidentes (sabedoria, conhecimento e fé) para salientar a importância deles e minimizar a euforia pelos dons mais espetaculares. **Operações de milagres** parece ser um termo amplo que abarcava os dons citados a seguir. Nesse caso, “dons de curar” parece estar

⁵Jack Cottrell, *Power from on High: What the Bible Says About the Holy Spirit*. Joplin, Mo.: College Press Publishing Co., 2007, p. 411.

fora de lugar. Era de se esperar que ele viesse depois e não antes de “operações de milagres”. Os cristãos de Corinto talvez buscassem os dons de curar mais desesperadamente do que outros dons. Por causa do desejo pessoal de prolongar a vida, o poder de curar pode ter sido o mais cobiçado de todos os dons distribuídos pelo Espírito. A maioria dos milagres registrados realizados por Jesus e pelos apóstolos foram milagres de cura.

Por alguma razão, Paulo citou “dons de curar” antes da expressão mais geral “operações de milagres”. Depois disso, ele subdividiu os dons miraculosos nas manifestações vivenciadas pelos cristãos coríntios.

Versículo 10b. Entre outros dons miraculosos, certas pessoas de Corinto foram capacitadas pelo Espírito com o dom de **profecia**. Os profetas eram respeitados na igreja primitiva; eles realizavam serviços vitais (Efésios 2:20; 4:11). Ágabo predisse o futuro (por exemplo, Atos 11:28; 21:10, 11), porém a atividade mais comum dos profetas era ensinar (Atos 15:32). Um professor ou mestre cristão não possuía necessariamente um dom miraculoso do Espírito, mas o profeta possuía. A conclusão de James Greenbury parece correta:

Portanto, não há provas convincentes que sugere-m que, por todo o [Novo Testamento], profecia seja outra coisa senão [um dom] uniformemente revelador, inspirado e revestido de autoridade.⁶

Profecia era um dom antigo que Deus já havia concedido a servos Seus; mas tanto no Antigo como no Novo Testamento, pessoas podiam alegar possuir uma mensagem de Deus, quando, na verdade, preferiam o produto de suas próprias mentes (Jeremias 27:16). Portanto, era necessário o Espírito conceder também o dom de **discernimento de espíritos**. A profecia foi importante para a igreja do primeiro século. Alguns profetas eram membros estáveis com funções claramente definidas em determinadas igrejas. Outros, verdadeiros ou falsos, pareciam peregrinar de um lugar a outro (1 João 4:1).

Versículo 10c. Paulo reservou para o fim a maioria dos dons espetaculares, pelo menos na visão dos coríntios. Aqueles cristãos competiam pela capacidade de falar numa **variedade de línguas**. Paulo entendia que essas línguas eram “variadas”. Considerando que as elocuições extáticas experimentadas

no mundo moderno pentecostal têm uma relativa uniformidade, o termo “variedade” parece apontar para algo diferente. As elocuições que certos grupos religiosos afirmam ser “dom de línguas” parecem ser experiências emocionais (alguns diriam “religiosas”), mas não se espera que essas amostras de “línguas” comuniquem algum conteúdo racional. As línguas citadas pelo apóstolo eram uma “variedade de línguas”, e isso sugere que as palavras continham um significado compreensível.

Os leitores entendem mais rapidamente o fenômeno de línguas que ocorria na igreja em Corinto quando reconhecem que Paulo esperara que o que as línguas fossem submetidas aos irmãos que tinham **a capacidade de interpretá-las**. Alguns coríntios precisavam discernir os “espíritos”, ou seja, entre os que só alegavam ter uma mensagem profética e os que de fato tinham uma mensagem profética. A irmandade não deveria acatar qualquer alegação de que o indivíduo falava com a autoridade do Espírito. Semelhantemente, para que o dom de línguas edificasse a igreja, essas línguas precisavam ser interpretadas. Os sons vocálicos concedidos pelo Espírito a certos cristãos não eram balbúcies misturadas; eram sons com significado. A “variedade de línguas” consistia em idiomas; comunicava ideias e pensamentos racionais.

Entre as cartas do Novo Testamento, o dom de línguas (diferente dos de cura e profecia) é mencionado somente em 1 Coríntios. A singularidade desse dado no contexto de Corinto requer o maior cuidado ao examiná-lo. Como leitores modernos da carta de Paulo, suas instruções aqui só podem nos beneficiar dentro do que entendemos ser a “variedade” de línguas em Corinto.

No restante do Novo Testamento, o termo “línguas” só aparece em Atos 2:7, 8; 10:46 e 19:6. Em Atos 2 ele se refere claramente a línguas faladas, ou seja, idiomas. Usando a teoria de que passagens claras podem ajudar a interpretar as mais difíceis, deveríamos entender que “línguas” equivale a idiomas tanto em Atos como em 1 Coríntios 12 a 14. Argumentar, sem explicações, que falar em línguas é um fenômeno em Atos 2 e outra coisa totalmente diferente em 1 Coríntios é questionar a capacidade do Novo Testamento de comunicar claramente⁷. David E.

⁷Leon Morris argumentou que “línguas” em Atos 2 é uma coisa diferente da mencionada em Coríntios. A opinião dele é compartilhada por muitos comentaristas. (Leon Morris, *1 Coríntios – Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Mundo Cristão & Vida Nova, 1986, p. 138.)

⁶James Greenbury, “1 Corinthians 14:34–35: Evaluation of Prophecy Revisited,” *Journal of the Evangelical Theological Society* 51. Dezembro de 2008, p. 724.

Garland estava correto ao concluir que Paulo entendia língua como “uma língua/idioma inspirada pelo Espírito e não uma elocução não cognitiva e não linguística. Não é simplesmente um desconexo balbuciar no Espírito”⁸.

Num artigo, Robert H. Gundry examina “se a glossolália descrita no Novo Testamento era ou não de fato semelhante à elocução extática encontrada nas religiões helenistas e possivelmente no profetismo do Antigo Testamento”. Ele diz: “...o apóstolo Paulo não olha nem descreve o fenômeno como ‘elocução extática’, mas como uma habilidade, concedida miraculosamente, de falar uma língua humana desconhecida para o falante”⁹.

Versículo 11. A unidade do corpo de Cristo agiganta-se no resumo que Paulo faz dos dons evidentes entre os cristãos de Corinto. Ele escreveu: **Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como Lhe apraz, a cada um, individualmente.** A competição entre os cristãos por dons mais desejáveis indicava que eles estavam entendendo mal e usando mal as habilidades que o Espírito distribuiu.

O fato de vários membros do corpo, a igreja, possuírem habilidades diferentes, hoje, de modo algum diminui a unidade essencial do corpo. Todos os membros da igreja, assim como todos os membros do corpo físico, devem trabalhar juntos. Quando um membro do corpo de Cristo é abençoado com uma capacidade especial, essa é uma oportunidade de alegria para todo o corpo.

“O CORPO É UM” (12:12, 13)

¹²Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. ¹³Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

Versículo 12. Poderíamos esperar que Paulo dissesse em 12:12: “Assim é com a igreja”. A unidade da igreja reforçou a descrição anterior do apóstolo, mas agora ele tomava uma direção diferente. Em

⁸David E. Garland, *1 Corinthians*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Baker Academic, 2003, p. 584.

⁹Robert H. Gundry, “‘Ecstatic Utterance’ (N.E.B.)?” *Journal for Theological Studies* 17. 1966, pp. 299–307.

vez de dizer “Assim é com a igreja”, ele escreveu **assim também com respeito a Cristo.** Aquele que tinha plantado a congregação em Corinto enfatizou a unidade entre Cristo e a Sua igreja. Fazer parte do corpo é estar unido com Cristo.

No sítio arqueológico de Asclépio, que incluía um santuário de cura junto ao muro ocidental da antiga Corinto, arqueólogos descobriram um esconderijo de partes do corpo moldadas em terracota. Talvez tenham sido colocadas ali por devotos que queriam deixar uma lembrança de sua angústia para esse deus, ou expressar gratidão por curas a ele atribuídas. As partes do corpo em terracota estão em exibição no pequeno museu no moderno sítio arqueológico em Corinto. Não é difícil supor que Paulo tenha visitado esse santuário e visto uma coleção de várias peças deixadas pelos adoradores de Asclépio, o deus da medicina. Jerome Murphy O’Connor especulou o seguinte:

Contra esse pano de fundo, Paulo teria visto os membros desmembrados exibidos no *asclepeion* como símbolos de tudo que os cristãos não deveriam ser: “mortos”, divididos, sem amar nem serem amados. Dali era um passo fácil para a imagem contrastante do corpo inteiro em que a identidade distintiva de cada membro está arraigada numa vida compartilhada.¹⁰

Versículo 13. Paulo lançou aos seus leitores várias perguntas. Depois de derrubar distinções criadas por homens obedecendo a Cristo, será que aqueles irmãos ousariam dividir o corpo com base nos diferentes dons do Espírito Santo? Não sabiam que foi por **um só Espírito** que todos eles foram **batizados em um corpo**? A igreja não precisava que Paulo explicasse que ser membro do corpo exigia uma fé que culminava no batismo. Estavam cientes de que o batismo marcava o início da nova vida em Cristo e os separava da vida no mundo. O apóstolo já tinha usado categorias semelhantes (judeu/gentio, escravo/livre) para admoestar os membros da igreja a viverem segundo um novo conjunto de valores (7:18–24); agora, ele estava aplicando essas mesmas categorias ao fato de serem membros e participarem do corpo.

Alguns comentaristas afirmam que em 12:13 Paulo estava recorrendo à ideia de que todos os coríntios tinham sido batizados *no Espírito Santo*. Jack

¹⁰Jerome Murphy-O’Connor, *St. Paul’s Corinth: Texts and Archaeology*, 3a. ed. rev. e ampl. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 2002, p. 191.

Cottrell, por exemplo, argumentou com base nesta passagem que o dom do Espírito Santo concedido a cada cristão no momento do batismo é o batismo no Espírito Santo. Ele disse que a promessa de Atos 1:5 (“sereis batizados com o Espírito Santo”) cumpriu-se quando Pedro concluiu o primeiro sermão evangelístico e pessoas obedeceram e foram batizadas (Atos 2:38–41). Segundo Cottrell, o que aconteceu aos apóstolos no dia de Pentecostes foi o dom inferior de receber “poder” do “Espírito Santo” (Atos 1:8)¹¹. Em apoio a esse ponto de vista, ele disse que a descida do Espírito Santo sobre a casa de Cornélio fez Pedro lembrar que a promessa universal de batismo no Espírito Santo foi o tema do ensino pregado por João Batista (Atos 11:15, 16).

A experiência vivida pelos apóstolos no Pentecostes e na casa de Cornélio, disse Cottrell, foi um derramamento do Espírito Santo acompanhado de sinais. O fenômeno miraculoso, insistiu ele, não deve ser comparado com “batismo no Espírito Santo”. Cottrell é um cessacionista, isto é, ele não acredita que cristãos individuais na igreja pós-apostólica recebam poder de Deus para operar milagres como bem quisessem. Apesar disso, a argumentação apresentada por Cottrell carece de quatro considerações.

Primeira, Jesus mencionou especificamente o batismo no Espírito Santo em Sua última aparição aos apóstolos pós-ressurreição. Foi a esse grupo seletivo (Atos 1:2) que Ele ordenou que permanecessem em Jerusalém até serem “batizados com o Espírito Santo” (Atos 1:5). É uma interpretação ousada afirmar que as ordens e promessas de Atos 1:2–8 foram cumpridas quando a multidão do Pentecostes respondeu ao sermão de Pedro e foi batizada (Atos 2:41).

Em segundo lugar, o batismo em água já tinha sido mencionado em 1 Coríntios, e ele aparece em outras cartas. Paulo disse o seguinte sobre os cristãos de Corinto: “...mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (6:11). Ele se referiu ao batismo como um lavar, uma imagem que não se aplica diretamente ao batismo do Espírito Santo. O apóstolo não disse que os crentes foram santificados e justificados quando foram lavados, mas ele salientou que o processo se deu no “Espírito do nosso Deus”. Semelhantemente, Paulo disse que “o lavar regenerador e renovador do

Espírito Santo” (Tito 3:5) é o meio pelo qual Deus exerce a Sua misericórdia e nos salva. Paulo disse que os cristãos coríntios foram batizados “em um só Espírito” (1 Coríntios 12:13), mas isso não prova que ele estava falando do batismo do Espírito Santo em oposição ao batismo em água. Paulo via o batismo como um lavar, e sempre o associou com o recebimento do Espírito Santo. Somente quando o contexto o exigir, é que os leitores devem entender que Paulo usa a palavra “batismo” metaforicamente.

Em terceiro lugar, como uma questão de interpretação, sempre que o batismo é mencionado no Novo Testamento, a referência normal é ao batismo em água. João Batista batizou em água; e os discípulos de Jesus também (João 4:1, 2). Filipe e o etíope “desceram às águas”, e o evangelista o batizou ali (Atos 8:36). Muitas passagens ensinam essa verdade. Entende-se perfeitamente que o batismo em 1 Coríntios 12:13 é o batismo em água.

Em quarto lugar, o batismo no Espírito Santo só aparece no Novo Testamento relacionado à promessa e ao cumprimento das palavras de João Batista (Mateus 3:11; Marcos 1:8; Lucas 3:16; Atos 1:5; 11:16). Jesus não batizou todos os Seus seguidores no Espírito Santo mais do que os batizou com fogo. O que Pedro descreveu em Atos 11:15–17 foi um acontecimento excepcional que indicava que o batismo em água não deveria ser negado aos crentes gentios (Atos 10:47). Quando Cornélio e sua casa foram batizados em água “em o nome de Jesus Cristo” (Atos 10:48), somente aí, assim como os crentes coríntios, lhes foi **dado beber de um só Espírito**. Somente quando foram batizados em água, eles foram lavados, santificados e justificados. De outro modo, o fato de serem batizados em água não teria significado algum.

“MUITOS MEMBROS, PORÉM UM SÓ CORPO” (12:14–26)

Depois de delinear os dons espirituais e declará-los “manifestações do Espírito... visando a um fim proveitoso” (12:7), Paulo explicou algumas implicações práticas do que ele dissera. Em 12:12, ele tinha afirmado que “o corpo é um”; mas a igreja, assim como um corpo físico, requer o funcionamento de muitas partes para agir dentro de seu propósito. Se os cristãos coríntios continuassem a focar somente nos dons que consideravam desejáveis, destruiriam o corpo como um todo. Ao posicionar o dom de línguas no fim da lista (12:10), Paulo não estava insinuando que ele era uma dádiva do Espírito de menor

¹¹Cottrell, pp. 308–9.

valor, pois nenhum dom era menor. Ele estava sugerindo que alguns coríntios valorizavam esse dom demasiadamente. Os coríntios estavam conferindo valores aos dons que o Espírito havia concedido para a edificação da igreja, e isso incitou divisões no corpo. A unidade do corpo estava na mente de Paulo ao escrever 1 Coríntios, mas em nenhum outro trecho sua preocupação com a unidade ficou mais evidente do que nesta exposição sobre os dons espirituais que atuam no corpo.

¹⁴Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. ¹⁵Se disser o pé: Porque não sou mão, não sou do corpo; nem por isso deixa de ser do corpo. ¹⁶Se o ouvido disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; nem por isso deixa de o ser. ¹⁷Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato? ¹⁸Mas Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como lhe aprouve. ¹⁹Se todos, porém, fossem um só membro, onde estaria o corpo? ²⁰O certo é que há muitos membros, mas um só corpo. ²¹Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós. ²²Pelo contrário, os membros do corpo que parecem ser mais fracos são necessários; ²³e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra. ²⁴Mas os nossos membros nobres não têm necessidade disso. Contudo, Deus coordenou o corpo, concedendo muito mais honra àquilo que menos tinha, ²⁵para que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. ²⁶De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e, se um deles é honrado, com ele todos se regozijam.

Versículo 14. Paulo queria que aqueles cristãos entendessem a natureza do corpo único e a importância de cada um de seus **muitos** membros. Era crucial para o bem-estar do corpo de Cristo que cada cristão entendesse a sua parte na totalidade que constituía a igreja. Cada membro da igreja precisava valorizar os papéis desempenhados por outros cristãos; e cada um deveria ceder ao outro. Era de suma importância que os coríntios aceitassem o conceito de preocupação mútua para o bem de todos. Ninguém deveria dominar; todos tinham uma contribuição a fazer. Os cristãos não deveriam com-

petir entre si. A bênção de um dos crentes era uma bênção para todos.

Parte da propaganda da economicamente privilegiada sociedade greco-romana era a noção de que quando alguns cidadãos prosperavam, os benefícios recaíam sobre todos. Perto do nascimento de Jesus, o historiador Romano Lívio (59–17 a.C.) relatou uma fábula contada por um senador romano para justificar os privilégios da elite romana:

Nos dias em que os membros do corpo humano não concordavam entre si, como agora, mas cada membro tinha suas próprias ideias e sua voz, indignaram-se todos contra o ventre, e julgaram ser injusto terem a preocupação, o incômodo e o trabalho de prover-lhe tudo, enquanto ele mesmo permanecia tranquilo, sem nada para fazer senão desfrutar das boas coisas que lhe serviam. Então, conspiraram juntos o seguinte: as mãos não mais levariam alimento para a boca, nem a boca aceitaria algo que lhe fosse dado, nem os dentes mastigariam o que recebessem. Enquanto procuravam, movidos por grande fúria, deixar faminto o estômago até que ele se rendesse, os próprios membros e todo o corpo foram minguando em imensa fraqueza. Assim, ficou evidente que o ventre não era um folgado ocioso e que o alimento que recebia não era maior do que o que devolvia a todas as partes do corpo para que vivessem e prosperassem...¹²

A validade dos argumentos desse historiador na esfera econômica são questionáveis, mas é verdade que todo o corpo da igreja se beneficia com os dons dados por Deus aos cristãos individuais. Independentemente de Paulo conhecer essa fábula contada por Lívio, era comum no mundo greco-romano aplicar a ação das partes do corpo para o bem de todo o bem-estar e progresso social.

Versículo 15. Numa série de observações, Paulo enfatizou a verdade da necessidade e do benefício mútuos. Ele mostrou que o trabalho do pé não é tão proeminente quanto o da mão, mas é igualmente necessário. Se o pé decidisse: **não sou do corpo**, sua contribuição para o corpo não diminuiria. Não é possível nem desejável atribuir o valor relativo do pé e da mão. Certamente a utilidade de uma função não equivale à sua visibilidade. Surgem problemas quando uma parte do corpo – neste caso, o pé – acredita que não está recebendo o devido reconhecimento por seu trabalho. A ideia principal do apóstolo é clara: é o cúmulo da estupidez um membro do corpo buscar seu benefício individual, esquecendo-se de que ele está inseparavelmente li-

¹²Tito Lívio, *História* 2.32.

gado ao corpo como um todo. Nenhuma parte do corpo pode prosperar sem o bem-estar de todo o corpo.

Os argumentos de Paulo foram a sua resposta para as pequenas invejas e divisões na igreja de Corinto. Os irmãos que possuíam dons espirituais mais visíveis não deveriam menosprezar os dons menos visíveis como se gerassem menores consequências. Inversamente, os que possuíam dons que chamavam menos atenção do público não deveriam cobiçar os dons que eram mais notáveis.

Versículo 16. A primeira parte da analogia de Paulo coloca o pé e a mão em justaposição; a segunda enfoca dois órgãos sensitivos: **o ouvido e o olho**. O apóstolo não estava tentando contrastar tipos de dependência entre os membros do corpo. Ele estava ilustrando que o bem-estar da igreja é proporcional ao bem-estar dos indivíduos que compõem a igreja. Há comparações mais adiante (12:21); mas, a esta altura, Paulo descreveu meramente o pé e o ouvido alegando independência. Na ilustração, o pé não demonstra interesse nem admiração pela função da mão, nem o ouvido tem qualquer interesse pelo olho.

Na analogia do apóstolo, o pé e o ouvido estão fechados em seus próprios mundinhos, inconscientes e indiferentes quanto a darem e receberem do todo. O individualismo é uma virtude para quem está estabelecendo uma fronteira, mas ele não funciona assim para uma comunidade de pessoas cuja prosperidade espiritual, emocional e física depende das inter-relações. O pé e o ouvido personificados representam, evidentemente, a insensibilidade de alguns irmãos de Corinto que haviam recebido dons do Espírito.

Versículo 17. Paulo não tinha interesse em destacar a contribuição do olho para o corpo acima do ouvido. Sua preocupação era a interdependência deles. Nenhuma parte do corpo pode funcionar sem a participação de todas as partes. **Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?**, indagou o apóstolo. Ele parece ter tido o cuidado de não entrar numa discussão sobre qual parte – o olho ou o ouvido, a mão ou pé – contribuía mais para o corpo como um todo.

Os coríntios certamente não tinham dúvida quanto ao que Paulo quis dizer com essa analogia. Provavelmente começaram a fazer comparações antes de perceberem isso, assim como os ouvintes de Jesus foram pegos de surpresa em Suas parábolas. Paulo queria que eles fizessem perguntas como: “E

se todos os membros da igreja quisessem alimentar os famintos, mas ninguém estivesse interessado em nutrir os fracos na fé?” Se o corpo físico conferisse um mérito relativo às contribuições de seus vários membros, isso seria um desserviço a todos os membros. Que lúgubre corpo a igreja seria se cada um tivesse exatamente as mesmas habilidades, interesses e experiências.

Versículo 18. Se um crente não conseguisse valorizar as contribuições dos demais irmãos, ele deveria refletir na distribuição que Deus fez dos talentos a cada um segundo a Sua vontade. É Ele quem designa vários papéis aos membros – tanto no corpo físico como na igreja, o corpo espiritual de Cristo. **Deus dispôs os membros, colocando cada um deles no corpo, como Lhe aprouve.** Nesse caso, todos os cristãos devem ser respeitados por quem eles são e pelo que fazem. Cada contribuição, não importa se for grande ou pequena, é importante para a edificação do corpo de Cristo. Nenhum dom é para o engrandecimento de um membro em detrimento de outro. O apóstolo não julgou necessário explicar que o Espírito Santo faz parte da Divindade; os dons anteriormente relacionados ao Espírito são, neste versículo, atribuídos a Deus.

Versículo 19. Por mais importante que um cristão coríntio julgasse ser o seu trabalho, ele deveria imaginar como seria uma igreja em que todos os membros fossem exatamente como ele. Se cada membro tivesse o mesmo dom do Espírito, perguntou Paulo, **onde estaria o corpo?** Se não houvesse membros diferentes fazendo muitas coisas diferentes, não poderia haver um corpo.

Os cristãos de Corinto, ao que parece, orgulhavam-se de serem pessoas espirituais, mas Paulo discordou deles a respeito do que significava ser espiritual. Eles apontavam para o conhecimento como prova de que eram um povo que agradava a Deus. O conhecimento incitou alguns a adotarem princípios típicos do asceticismo. Alegavam que era “bom que o homem não tocasse em mulher” (7:1). Outros defendiam que seu conhecimento superior se evidenciava por tolerarem comportamentos questionáveis, até a satisfação dos próprios desejos (5:1, 2). O apóstolo fez a seguinte provocação: possuir conhecimento não garantia espiritualidade; pelo contrário, o comportamento deles sugeria que não estavam agradando a Deus.

A segunda indicação de que eram espirituais, segundo os coríntios, era o fato de possuírem dons espirituais/sobrenaturais. Nos capítulos 12 a 14,

Paulo questionou a ideia deles de quais eram os dons espirituais superiores. Eles avaliavam o falar em línguas acima dos demais dons; mas na lista de Paulo dos dons espirituais, registrada em 12:8-10, línguas aparece por último. Paulo queria que renovassem a noção que tinham do que era ser espiritual; ele indicou que o caminho para a verdadeira espiritualidade é ser um povo de amor. Alcançar unidade do corpo, ser genuinamente espiritual, exigia humildade, e não conhecimento; demandava que os irmãos aprendessem a valorizar o amor mais do que o falar em línguas e outros poderes miraculosos.

Versículo 20. A aplicação da metáfora está implícita. Corpos, literal ou espiritualmente, são feitos de muitos membros. Cada membro funciona para o bem de todo o corpo. Nem um corpo físico nem uma igreja podem funcionar de outra forma, pois Deus decretou que haja **muitos membros, mas um só corpo**.

Versículo 21. Até esta altura, o apóstolo tinha enfatizado a diversidade no corpo. Cada membro do corpo depende de todas as demais partes do corpo para funcionar do seu próprio modo. O Espírito concede diferentes dons como Ele quer. Cada cristão contribui para as necessidades da igreja do seu próprio modo. Assim como o pé precisa da mão e o ouvido, do olho, os irmãos dependem uns dos outros para o bem de todos. Se a negativa **não preciso de vós** estava implícita nas admoestações anteriores do apóstolo, ele a deixou explícita em 12:21. Nenhum cristão tem o direito de depreciar as tarefas ou as funções de outros no corpo por serem tais contribuições diferentes da sua.

O olho, o ouvido, o pé e a mão serviram para os propósitos de Paulo, enquanto ele argumentou em favor da interdependência dos membros. Essas partes do corpo foram citadas em representação aos cristãos individuais que haviam recebido uma diversidade de dons (12:15, 16). O apóstolo estava, agora, redirecionando a ilustração. Aqueles que possuíam dons mais desejáveis, ao que parece, menosprezavam os que não possuíam tais dons. Além de se gabarem desses dons julgando-os superiores, também se julgavam superiores por possuírem tais dons. Pensavam que não precisavam dos que possuíam dons inferiores ou que não possuíam dons miraculosos. O senso de superioridade decorrente de possuírem dons espirituais supostamente valiosos era comparável à maneira como os cristãos materialmente prósperos estavam se isolando dos

pobres ao comerem sozinhos suas próprias refeições (11:20, 21). Em ambos os casos, a unidade do corpo sofria pressão.

Na igreja de hoje, assim como na antiga congregação para a qual Paulo escreveu, os que realizam papéis menos visíveis podem ficar desanimados, supondo que seus trabalhos surtem pouco efeito. Paulo assegurou que cada membro é vital para o bem-estar do corpo. Em outro extremo, um cristão que realiza um trabalho visível na igreja pode ser propenso a mostrar pouco respeito pelos que realizam tarefas menos notáveis. Paulo intimou os coríntios a olharem para os trabalhos que faziam sob uma nova luz. O sucesso deles no reino só era possível porque muitos outros estavam trabalhando discretamente para o bem-estar do corpo.

Versículo 22. Os membros do corpo **que parecem ser mais fracos** são geralmente os menos percebidos, os que fazem o seu trabalho silenciosa e automaticamente. Dando continuidade à analogia do corpo, o apóstolo provavelmente tinha em vista órgãos internos como o coração, os pulmões ou os rins. Sem esses órgãos, o corpo entra em colapso; ainda que o funcionamento deles não exija um esforço consciente da parte do braço, do olho, nem do cérebro. As funções desses órgãos **são necessárias** para que os sentidos informem o corpo ou para que os músculos conduzam a uma resposta significativa. Longe de poder dizer: “Não preciso de vós”, o corpo é ainda mais dependente desses membros menos percebidos. Semelhantemente, no corpo do povo do Senhor, aqueles que trabalham e contribuem de modo previsível e discreto são insubstituíveis. Cada membro da igreja deve lembrar que o bem-estar do corpo é mais importante do que reconhecimento pessoal.

Versículo 23. Certas partes da anatomia têm funções essenciais, mas normalmente não são objeto de admiração. São consideradas **menos dignas** só porque servem as necessidades do corpo privadamente, de uma forma pessoal. As pessoas dão **muito maior honra** a essas partes do corpo cobrindo-as de uma forma especial. Sendo assim, **os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra**. Os coríntios que leram a carta de Paulo com cuidado talvez tenham reconhecido um tema que o apóstolo estivera salientando por todo o texto: “Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1:27; veja 2:3; 4:10; 9:22).

Paulo continuou a fazer comparações entre elementos do corpo físico observáveis e o funcionamento de várias pessoas ou tipos de pessoas dentro do corpo espiritual. Preocupava-lhe, evidentemente, a unidade, coesão, boa vontade e bom funcionamento da igreja. Por essa razão, o leitor poderia esperar que as próximas palavras de Paulo admoestassem os membros “menos dignos” da igreja a continuarem a contribuir para o corpo, sabendo que prestavam valioso serviço ao Senhor. Seria previsível a esta altura uma confirmação de que o Senhor estava ciente do serviço desses membros. Em vez disso, porém, o apóstolo incentivou os que possuíam dons mais valorizados a “darem muito maior honra” aos que provavelmente receberiam pouca notoriedade.

Versículo 24. Visto que não se tratam com decoro especial os **membros nobres** do corpo, e sim “os membros menos nobres”, a implicação é que nem um nem outro é mais vital para o bem-estar do corpo. Da mesma forma, Deus dá mais honra aos membros do corpo que funcionam em prol do seu bem-estar sem buscarem reconhecimento. Paulo não tinha o desejo de depreciar os membros do corpo cujo trabalho é mostrado a todos. Ele não tinha a intenção de destruir alguns em detrimento de outros; ele só queria elevar todos os membros igualmente. O valor de cada membro do corpo é alto porque **Deus coordenou** [um aoristo de *συνκεράννυμι*, *sunkerannumi*, “organizar”, “dispor” ou “ajuntar”] **o corpo** para que todos recebam a devida honra, cada um a seu modo. Leon Morris escreveu: “A disposição dada por Deus aos membros no corpo elimina os conflitos e combina tudo num todo harmonioso”¹³. Pelo menos, é assim que o funcionamento das diversas partes foi idealizado. Os coríntios estavam distorcendo a harmonia estabelecida por Deus transformando-a em exibições tolas em busca de prestígio pessoal.

Versículo 25. Cerca de uns duzentos anos atrás, um ministro que defendia a restauração e que imigrara da Irlanda para os Estados Unidos lutou pela unidade visível da igreja de Cristo. Enquanto buscava uma reforma para o denominacionalismo sectarista, Thomas Campbell percebeu que a unidade cristã, mais do que um objetivo a ser atingido, é um fato a ser confessado. Ele iniciou assim as treze proposições em sua *Declaração e Discurso*:

...a igreja de Cristo sobre a terra é essencial, intencional e constitucionalmente uma. Ela se compõe dos que em todo lugar confessam sua fé e obediência a Cristo, em todas as coisas e de acordo com as Escrituras. Eles se manifestam através de seus temperamentos e condutas. Só esses podem ser chamados, própria e verdadeiramente, cristãos.¹⁴

Paulo não teria argumentos contra a destemida declaração de Campbell. O apóstolo estava ciente de que, às vezes, os cristãos formavam partidos ou divisões por nenhuma outra razão senão a preferência por um professor ou mestre. A posição social, o nível socioeconômico ou educacional também causavam barreiras artificiais. Geralmente havia divisão por causa de opiniões divergentes ou por lealdade partidária a mestres. Paulo combateu o pecado e o orgulho que causavam divisão afirmando que a igreja é essencialmente uma. Deus a compôs de tal maneira que **não haja divisão no corpo**. O apóstolo personificou os vários membros do corpo físico a fim de argumentar que o cristão individual deve ter **igual cuidado, em favor uns dos outros**, ou seja, o mesmo cuidado que tem consigo mesmo. O plano de Deus para o Seu corpo, a igreja, é que ela seja perfeitamente unificada, tendo cada membro funcionando segundo os dons que recebeu e honrando e respeitando os trabalhos de todos os demais membros. Os leitores de Paulo precisavam entender que ter ciúme, buscar proeminência e cobiçar os dons do Espírito mais visíveis estavam fora do escopo do comportamento cristão aprovado por Deus.

Versículo 26. Nada acontece a uma parte do corpo sem afetar todo o corpo. A honra conferida a um membro honra todo o corpo. O sofrimento que aflige um membro significa que o corpo inteiro sofre. A alegria e a celebração por um membro resulta em exaltação coletiva (veja Romanos 12:15). Os cristãos deixam de cumprir uma incumbência do Senhor quando acham mais fácil lamentar com os que lamentam do que alegrar-se com os que se alegram. Porque fazem parte do mesmo corpo, os cristãos estão interligados pelo vínculo do Espírito. Os diferentes dons do Espírito jamais devem ser fonte de divisão.

Na cultura ocidental individualista, talvez nada seja mais importante para os crentes do que apren-

¹³Leon Morris, p. 142.

¹⁴Thomas Campbell, *Declaração e Discurso*. (Página da Internet acessada em 22 de março de 2017, <http://www.movimentoderestauracao.com/index.php/biografias/79-biografia-de-thomas-campbell>.)

der que o cristianismo é vivido em comunidade. Não há unidade com Cristo sem que essa unidade proceda do funcionamento do corpo. Quando um religioso de hoje pergunta: “Cristo é o seu Salvador pessoal?”, pode ser que a intenção dele seja estimular um relacionamento íntimo com o Senhor, em oposição a um relacionamento meramente formal. No entanto, Deus deu ordens específicas que precisam ser obedecidas por todos que almejam a salvação. Ele disse que uma pessoa precisa ouvir a mensagem do evangelho, crer nela, arrepender-se de seus pecados, confessar crer que Jesus é o Filho de Deus, o qual derramou Seu sangue para o perdão de pecados e ser batizada em Cristo para o perdão de pecados (veja Atos 2:38; Romanos 10:8–10; 1 Coríntios 1:21). Aqueles que supõem que a essência de servir a Cristo é simplesmente deixar Jesus entrar no seu coração precisam analisar com mais cuidado a analogia de Paulo entre a igreja e o corpo humano. Jesus comparou-Se a Si mesmo com uma videira e os que nEle creem, com os ramos da videira. Um bom crente não consegue produzir bom fruto sem participação de Cristo (João 15:1–11). Semelhantemente, não pode honrar e glorificar a Deus sem ser membro do Seu corpo.

“PROCUREM COM ZELO OS MELHORES DONS” (12:27–31)

²⁷Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo. ²⁸A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. ²⁹Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? ³⁰Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? ³¹Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons. E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente.

A unidade do corpo de Cristo começa com responsabilidade individual. O Espírito tinha concedido a determinados membros da igreja em Corinto dons que eram para a edificação do corpo. Todavia, a unidade da igreja vai além dos níveis individual e congregacional. Cada congregação está interligada por uma fidelidade comum ao Cristo de Deus, o qual morreu para redimir um povo para Si. O

apóstolo não traçou uma linha distintiva entre os serviços na igreja que transcendem o nível congregacional e os que devem ser exercidos num local específico. A preocupação dele era com a diversidade de dons e talentos de que os cristãos dispunham para contribuir. Quando os cristãos compreendem corretamente quais são seus talentos e quais são as necessidades da igreja, todos deixam de lado invejas insignificantes. Cada um se alegra com as habilidades que Deus concedeu aos outros, e cada membro honra e glorifica a Deus através dos seus talentos e dos talentos que Deus concedeu aos seus irmãos em Cristo.

Versículo 27. Um a um, cada cristão contribui com as habilidades que recebeu de Deus para o bem-estar do **corpo de Cristo**. Não há corpo sem **membros** individuais que contribuem, cada um com o que faz, para o todo. O corpo não é uma terceira pessoa. O corpo é cada um de seus membros individuais, funcionando como uma unidade. Em tudo que faz, o membro do corpo representa a igreja em operação. Quando um cristão comete um ato nobre ou vergonhoso está representando a igreja em ação. Não há cristianismo ignorando-se o lugar que cada cristão ocupa no corpo. Paulo nunca descreveu cristãos isolados que dizem “sim para Cristo e não para a igreja”. Não existe um “sim” para Cristo sem um “sim” para o Seu corpo. Aqueles que definem a igreja como uma ordem hierárquica ou um edifício estão enganados. A igreja é o povo de Deus, que O adora e se estimula mutuamente a ter uma esperança e num estilo de vida em comum.

Versículo 28. Embora a palavra **igreja** seja, na maioria das vezes, usada para a assembleia de um grupo local de cristãos, ela também se refere à comunidade mundial de crentes. O uso que Paulo faz do artigo na expressão τῆ ἐκκλησίᾳ (*tē ekklesia*, “a igreja”), levando-se em conta o contexto, indica que a lista de dons que vem a seguir tinha uma aplicação universal e também local. O dom do apostolado aparece juntamente com o dom de curar como um dom do Espírito. O ofício de um apóstolo sugere autoridade (veja Mateus 28:16–20); os apóstolos agiram em prol da exortação e da instrução da igreja em todos os lugares. **Apóstolos** pode ser um termo genérico para cristãos enviados numa missão particular pela igreja (Atos 14:14¹⁵), mas também foi usado para os doze homens designados por Cris-

¹⁵A mesma palavra é traduzida por “mensageiros” em 2 Coríntios 8:23.

to como testemunhas de Sua ressurreição. Os doze apóstolos foram comissionados com autoridade (Marcos 16:14–18). Paulo tinha a mesma missão e autoridade que foi dada aos doze (1 Coríntios 15:9; Gálatas 1:11, 12).

Profetas, juntamente com apóstolos, foram divinamente inspirados para oferecer direção a uma igreja no ensino e nas atividades; mas a autoridade dos profetas era menor que a dos apóstolos. Quando mencionados ao lado dos apóstolos, os profetas são citados em segundo lugar (12:28, 29; Efésios 2:20; 3:5; 4:11). Talvez, em algumas congregações, não houvesse nem apóstolos nem profetas. Paulo estava dizendo que o Espírito deu dons aos que serviam nesses ofícios para o benefício da igreja mundial. Os profetas possivelmente agiam somente em nível congregacional, ou se mudavam de uma igreja para outra. Quando se referiu ao dom de apóstolo ou de profeta, ou qualquer outro, Paulo falou de dons que o próprio Cristo “estabeleceu” na Sua igreja; Ele deu ao Seu povo suas respectivas funções (Efésios 4:11). O apóstolo aos gentios não fez uma distinção detalhada entre a obra de Cristo e a obra do Espírito.

Através dessa distribuição de dons pelo Espírito, Deus também colocou na igreja **mestres** (Efésios 4:11; veja Tiago 3:1). Presume-se que havia mestres em todas as congregações. Eles eram absolutamente essenciais, mas são citados em terceiro lugar porque não eram necessariamente capacitados miraculosamente pelo Espírito para instruir com autoridade divina. Na citação dos dois dons que vêm a seguir, Paulo retomou os dons espirituais já mencionados anteriormente. Por causa de questões surgidas na igreja atual, os cristãos costumem separar dons espirituais miraculosamente concedidos das habilidades naturais que os cristãos podem empregar no ministério da igreja. Paulo não teve interesse em fazer essas distinções. Ele queria mostrar que cada cristão individual funcionava do seu jeito no corpo, usando talentos naturais ou dons miraculosos. Alguns mestres podiam ter recebido miraculosamente a capacidade de tratar de questões difíceis na igreja, ao passo que outros não.

Os cristãos a quem o Espírito tinha dado poderes miraculosos – os que operavam **milagres** – provavelmente estavam numa ampla categoria que também incluía os que possuíam **dons de curar**. As palavras usadas para os dois dons seguintes em 12:28 parecem se referir a habilidades não miraculosas. A primeira, **socorros** (ἀντιλήμψεις, *antilēmpseis*;

“prestar ajuda”; NVI), aparece somente aqui no Novo Testamento. É seguro dizer que o termo se refere a ações de ajuda pelas quais alguns ministram a outros, seja no corpo ou fora dele. Talvez o Espírito tenha dado a alguns uma disposição especial ou oportunidades únicas para realizar obras de bondade e caridade. A próxima palavra, **governos** (κυβερνήσεις, *kubernēseis*; “administração”; NVI), também só ocorre aqui no Novo Testamento. Parece se referir a liderança em termos práticos, como determinar um local e hora para as reuniões ou presidir a reunião em si. Não é por acidente que Paulo colocou por último em sua lista o dom que os coríntios pareciam cobiçar mais. Ele já tinha mostrado que o dom de falar em **línguas** (veja 12:10) não deveria ser mais valorizado que os demais.

Versículo 29. Ao anteceder suas perguntas em 12:29 e 30 com a negativa μή (*mē*), Paulo indicou que ele esperava respostas negativas. A ARA exprime a força da gramática grega com a tradução: **Porventura, são todos apóstolos?** E segue o mesmo padrão nas demais perguntas. Ninguém deveria ter ciúme de um irmão que possuía dons extraordinários, fossem línguas, apostolado ou curas. A igreja precisava ter uma variedade de dons entre seus membros para ser bem servida. Cada cristão deveria se alegrar com os dons que os outros tinham e contentar-se com os dons que Deus lhe deu. Assim como foi com Paulo, o dom do apostolado talvez desse autoridade para evocar esses dons conforme a ocasião exigisse (1 Coríntios 14:18; 2 Coríntios 12:12). O apóstolo era modelo para os coríntios do que ele esperava que eles fossem. Ele deixou claro que, independentemente dos dons que ele possuía, ele exerceu suas habilidades visando ao bem-estar do corpo de Cristo.

Versículo 30. A série de perguntas retóricas continua, sendo que a resposta esperada de cada uma é “não”. Obviamente, nem todos possuem o mesmo dom; a igreja seria um corpo enfraquecido se fosse assim. Os membros do corpo são interdependentes. Os cristãos devem se alegrar com dons desfrutados por irmãos e irmãs para a bênção de todo o corpo. Qualquer que seja o dom (falar em línguas, curar, prestar ajuda ou administração), ninguém tinha o direito de olhar para o outro com inveja e ciúme. Ninguém deveria se achar desprovido por não possuir os dons que outros possuíam. Nem todos os cristãos falavam em línguas, como nem todos curavam ou operavam milagres. Assim como em 12:10, depois de falar do dom **línguas**, Paulo prosseguiu

observando a expectativa de que houvesse interpretação para o que fosse dito em “línguas”. Ele retomaria a ideia de interpretação no capítulo 14.

Versículo 31. A divisão de capítulo parece cair mais naturalmente na metade de 12:31. Paulo disse: **Entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons;** almejar um dom dado pelo Espírito Santo era louvável. À primeira vista, parece estranho Paulo instruir a igreja a ter zelo ao buscar dons espirituais, quando ele havia dito em 12:7–11 que o Espírito concede dons como Lhe apraz. Talvez os coríntios deveriam entender que o Espírito dava esses dons conforme era apropriado aos que os buscavam. Um cristão que desejasse sinceramente um dom em particular com o propósito de servir a igreja poderia encontrar o Espírito disposto a conferir-lhe esse dom. Depois de comentar esses dons, Paulo guiou seus leitores a **um caminho sobremodo excelente**, para que tivessem uma unidade mais perfeita.

A preocupação de Paulo era que os cristãos buscassem dons para servir num ministério baseado no amor fraternal. Desse ponto de vista, os coríntios estavam negligenciando o dom de Deus mais importante de todos (8:1; 16:14), o dom do amor. Paulo queria expor diante dos olhos deles o dom que todos poderiam requisitar. Era um dom maior aos olhos de Deus do que todos os dons altamente visíveis e almejados pelos coríntios.

DESTAQUES

“Lá Vai a Igreja de Cristo”

Certo pregador contou que um dia fez uma visita a uma senhora de idade avançada, num pequeno apartamento num bairro pobre. Ela era inválida. Um amigo lhe fazia as compras da casa. A pobre senhora nunca saía do prédio onde morava. O pregador disse que conversou com ela por um tempo considerável, ouviu-a relatar-lhe suas enfermidades e sua solidão, mas sempre de olho no relógio. Assim que o ponteiro de minutos ultrapassou certa altura, ele se despediu e saiu. A mulher pareceu transbordar de gratidão pela visita. E ele se sentiu melhor por ter cumprido o dever – mas a história não termina nisso.

Enquanto caminhava até o carro, passou por algumas crianças que estavam brincando na rua. Um dos meninos lhe pareceu familiar; estivera nas reuniões de adoração com uma tia. Assim que o pregador passou, ouviu o menino, que também o reconheceu, explicar ao amigo: “Lá vai a igreja de

Cristo”. Sentiu as pernas paralisadas, embora não tivesse parado de andar. Deduziu que o menino ou seu amigo não entenderiam sua explicação.

Todavia, a frase dita pelo menino não saiu de sua mente. Ela ficou ali no cérebro dele, como costumam ficar as palavras da boca de um inocente. Se ele não era “a igreja de Cristo”, perguntou o pregador a si mesmo, quem era? Será que sua visita ao apartamento da mulher inválida só seria o trabalho de Cristo se a congregação tivesse votado em favor disso? Ou a visita precisava da aprovação dos presbíteros? Se toda a congregação tivesse sentado no sofá daquela senhora, então teria de fato realizado aquela boa obra? Talvez o garoto estivesse certo ao dizer: “Lá vai a igreja de Cristo”.

A mente do pregador continuou com o foco na frase do menino. Afinal, ele poderia estar fazendo uma porção de outras coisas quando o menino o viu. Contentava-lhe a ideia de que o menino e seu amigo não viram um homem lendo uma revista inapropriada, e disseram: “Aquele homem é a igreja de Cristo”. Também estava grato porque não disseram aquilo sobre um homem que exalava cheiro de álcool. Os meninos não viram o pregador visitando uma jovem atraente com intenções românticas, nem entrando no apartamento da senhora para roubar ou se aproveitar dela. Eles não viram um representante da igreja contando mentiras e vantagens.

Naquele dia, quando o garoto apontou e disse: “Lá vai a igreja de Cristo”, ele mostrou ao amigo um homem que tinha visitado uma mulher cristã solitária e enferma. Aquelas crianças, fáceis de impressionar, o observaram tentando levar alguma alegria para a vida de uma mulher confinada. As palavras de Paulo vieram à sua mente: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo” (12:12); “Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (12:27). O pregador sorriu. De fato, ele tinha sido um representante de Cristo naquele dia. Para o bem ou para o mal, nossos atos são sempre os atos da igreja de Cristo.

Um Grupo de Crentes

Teoricamente, até uma pessoa abandonada numa ilha deserta pode adorar a Deus no isolamento de outros seres humanos. Esse cenário é possível, mas improvável. Como a Bíblia descreve pessoas adorando a Deus? *Em toda a Bíblia, a adoração a Deus ocorre no círculo de uma comunidade.* Abraão e seus

descendentes serviam a Deus em unidades familiares, ou clãs. O que cada membro fazia ou dizia cooperava para o bem ou prejudicava o todo. Quando Ló separou-se de Abraão e escolheu as planícies irrigadas do vale do Jordão (Gênesis 13:10), os resultados foram desastrosos. O senso de família e de comunidade do patriarca o impulsionou a mobilizar trezentos e dezoito homens para resgatar seu sobrinho de reis invasores (Gênesis 14:14). A nação de Israel era uma extensão das comunidades patriarcais. A exortação de Paulo em 1 Coríntios 12 é a extensão de um tema que percorre toda a Bíblia. O povo de Deus vive, adora e se preocupa uns com os outros como uma comunidade.

A analogia do corpo humano ilustra bem o conceito de comunidade. Pessoas formam vilas, cidades, províncias, estados e nações com o objetivo de aumentar a prosperidade de todos. Paulo não foi o primeiro a usar o exemplo de unidade-na-diversidade do corpo para ilustrar a maneira como cada pessoa contribui com sua parte para o todo. Filósofos e oradores usaram essa analogia tantas vezes que ela se tornou um lugar-comum no mundo greco-romano. Mesmo assim, a semelhança é especialmente apropriada para a igreja em nível congregacional. Vejamos por quê.

Cristo deu a comissão de “ir a todo o mundo e pregar o evangelho” ao corpo da igreja coletivamente e a cada cristão individualmente (Marcos 16:15). O Senhor não deu essa tarefa a um grupo seletivo de pregadores, sacerdotes ou líderes.

Cada cristão individual tem seu próprio conjunto de habilidades ou talentos com os quais pode contribuir para a missão que Deus deu ao Seu povo. O ideal é que cada cristão seja grato e se alegre com as habilidades que Deus deu a ele mesmo e aos seus irmãos. Cada um depende de que o outro faça a sua parte. Quem possui múltiplos talentos é especialmente abençoado, mas cada um deve usar os talentos que Deus lhe deu. Disputas e ciúmes são destrutivos para o corpo de Cristo.

Embora formado por muitos membros, o corpo é um todo integrado. Quando um membro é honrado, o corpo participa da bênção. Quando um membro falha no seu dever, quando um cristão sucumbe ao pecado, o corpo sofre como um todo.

Fazer parte do corpo não é opcional para a vida cristã. A reunião da igreja é um fator essencial para que o corpo tenha alguma aparência de vida coletiva ou comunitária. Tornar-se cristão envolve mais do que aceitar Jesus no coração. Uma pessoa precisa obedecer aos mandamentos divinos de crer em Deus, arrepender-se dos seus pecados, confessar que Jesus é o Filho de Deus e ser batizada. Desse modo, ela se torna parte da família de Deus. Viver como cristão não é um compromisso assumido somente entre Jesus e quem confessa o Seu nome. Inclui ânimo, apoio, disciplina e correção que emanam da vida em comunidade. Muitos cristãos são rápidos para culpar os irmãos quando acham que estão sendo negligenciados, mas são lentos para oferecer ajuda aos que precisam justamente da ajuda deles.

Autor: Duane Warden
© A Verdade para Hoje, 2018
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS